



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES

Curso de Psicologia

Disciplina: Produção de Artigo

Professora: Ana Flávia do Amaral Madureira

Religião e psicologia: dos processos identitários ao fundamentalismo religioso

Matheus Leon de Araujo – RA 21450509

Brasília

Novembro 2017

Resumo

Este artigo tem como tema Religião e Psicologia: dos processos identitários ao fundamentalismo religioso. O seu objetivo é analisar as relações entre religião, processos identitários e mentalidade fundamentalista, no Brasil e em outros países, a partir da perspectiva de professores/as e estudantes de Psicologia. Esse tema é relevante, pois o fenômeno do fundamentalismo religioso esteve e está presente em nossa sociedade, sempre vinculado ao preconceito e à segregação. Por outro lado, a Psicologia deve aumentar a produção de conhecimentos sobre aspectos da Religião, esse aumento deve ocorrer pela constante implicação que o tema Religião tem com diversas faces da vida em sociedade e, é importante mencionar, que são poucos os estudos, sob enfoque da Psicologia, que buscam explicar a relação entre fundamentalismo religioso, processos identitários e preconceito. Foi utilizada a metodologia qualitativa de investigação, sendo adotada a técnica de análise de conteúdo. Participaram dessa pesquisa duas mulheres e um homem, todos (as) estudantes de Psicologia, sendo submetidos à entrevista semi-estruturada e apresentação de imagens retiradas da internet. Houve consenso entre os participantes em relação à idéia de perseguição religiosa no Brasil. Porém, não houve consenso quando se trata da discriminação causada pelo fundamentalismo religioso, especialmente, a grupos minoritários (como pessoas de orientação sexual não hegemônica). Ficou claro que o tema Religião deve ser mais bem estudado no curso de Psicologia, visto que a religião é aspecto constituinte dos seres humanos. Conclui-se que o fundamentalismo religioso propaga ódio e opressão em relação aquelas pessoas que decidem não seguir os ideais fundamentalistas.

Palavras-chave: fundamentalismo religioso, discriminação, processos identitários, Psicologia, Religião.

O presente artigo parte do seguinte problema de pesquisa: “Como o fundamentalismo religioso pode afetar as relações humanas e contribuir para o preconceito nas diversas esferas da sociedade?”

O artigo tem como objetivo geral analisar as relações entre religião, processos identitários e mentalidade fundamentalista, no Brasil e em outros países, a partir da perspectiva de professores/as e estudantes de psicologia. E tem como objetivos específicos: Compreender como estudantes e/ou professores/as do curso de Psicologia entendem as relações entre Psicologia, religião e fundamentalismo religioso e analisar os posicionamentos de estudantes e professores/as de Psicologia frente à questão do fundamentalismo religioso, se em suas percepções o fundamentalismo religioso influencia a subjetividade de indivíduos com identidades de gênero e orientações sexuais diversas.

O fundamentalismo religioso está presente na sociedade, sempre vinculado ao preconceito e à exclusão. Principalmente de grupos minoritários. A maior parte dos estudos acerca dos temas Religião, fundamentalismo religioso e preconceito foram

realizados pelas áreas da Antropologia e Sociologia (Cavalcanti, 2008). No que diz respeito à Psicologia, há um aumento na produção de conhecimentos sobre o lado espiritual/religioso humano, esse aumento se dá pela constante implicação que o tema Religião tem com relação a seres humanos que passam por processos de enfermidades e com demais dificuldades existentes na vida (Cavalcanti, 2008). A religião pode funcionar como um fator protetor em diversas ocasiões como, por exemplo, contra o uso de drogas ilícitas por adolescentes no Brasil e no mundo. A mesma, ainda, pode ajudar a ressignificar experiências traumáticas, bem como fortalecer os laços afetivos dentro de uma família (Van Der Meer Sanchez et al., 2004).

Porém, são poucos os estudos, sob enfoque da Psicologia, que buscam explicar a relação entre fundamentalismo religioso, processos identitários e preconceito. Que é um ponto importante a ser considerado, visto que o Brasil tem uma grande parcela de adeptos religiosos e o preconceito e fundamentalismo religioso são fenômenos presentes em diversas religiões.

A maioria dos estudos que relacionam Psicologia e Religião utiliza métodos quantitativos em suas investigações. Há uma carência de produções acadêmicas que utilizem o método qualitativo em pesquisa (Cavalcanti, 2008).

Um estudo que utilize uma metodologia qualitativa de investigação seria importante e abriria novas questões acerca do papel do fundamentalismo religioso na construção e manutenção de preconceitos, estereótipos e discriminações na sociedade, em especial, em relação aos grupos minoritários. Tais grupos tendem a sofrer mais perseguições, pois, por vezes, não se enquadram nos modelos descritos pelas religiões. Um aprofundamento sobre essas questões resultaria em uma importante contribuição para o campo das ciências antropológicas.

Fundamentalismo religioso no mundo

O fenômeno do fundamentalismo religioso é comum a todas as religiões desde tempos remotos da humanidade. O uso do termo é designado para explicar atitudes concernentes ao fanatismo e comportamentos violentos relacionados, intimamente, a uma religião. É importante dizer que há distintos tipos de fundamentalismos. Seus primórdios estão vinculados ao universo religioso, mas, na atualidade, perpassa várias

esferas da sociedade e relações humanas, tais quais como a política e a economia (Panasiewicz, 2008).

Historicamente, o fundamentalismo religioso teve suas primeiras expressões no contexto do Protestantismo (Arp, 2014). Porém, na atualidade, se tem a vaga idéia de que o islamismo seja o principal propagador do fundamentalismo religioso. Essa idéia se tornou mais poderosa depois dos ataques às torres gêmeas, em setembro de 2001, nos Estados Unidos. Tal idéia ganhou mais força depois da revolução iraniana ocorrida em 1979 (Santos, 2014).

O Irã passou a ser governado por líderes islâmicos, caracterizando um estado teocrático, ou seja, que é regido por leis religiosas. Um estado teocrático tende a ser inflexível em relação aos assuntos da contemporaneidade, como por exemplo, a discussão sobre gênero na escola e a luta das mulheres contra o machismo. Geralmente, essa inflexibilidade é direcionada a grupos minoritários dentro de uma sociedade (Santos, 2014).

Tal posicionamento inflexível também pode ser uma fonte de ameaça para outras nações do planeta, pois se fundamentam a partir de outros postulados políticos, religiosos e econômicos. Pelo fato de assumirem outros postulados e fundamentos, tais nações podem correr sérios riscos a partir da visão de países fundamentalistas (Santos 2014).

Um grupo fundamentalista que tem como característica a inflexibilidade e o terror é o, auto-intitulado, Estado Islâmico. Segundo especialistas, o Estado Islâmico resultou da união de diversos grupos terroristas localizados no Oriente Médio, mas precisamente em países como a Síria e Iraque (Weiss & Hassan, 2015).

O Estado Islâmico cresceu de forma significativa e teve seu grande impulso depois de sua participação na Guerra civil da Síria. Desde então, o grupo força as pessoas, que residem nos lugares que controla, a se converterem ao islã e seguir suas leis. As pessoas que se recusam a isso podem sofrer punições como a tortura e até a pena de morte (Weiss & Hassan, 2015). Na atualidade, o Estado Islâmico é o grupo que mais chama a atenção pelo fundamentalismo religioso, porém, como mencionado anteriormente, o fundamentalismo é presente em diversas religiões, ocorrendo de forma global, não se limitando apenas ao islã (Santos, 2014 citado por Savi, 2015).

Nas últimas décadas, tem crescido a influência de pensamentos e idéias religiosas na política. É um fenômeno global, ocorre em diversas partes do mundo. Tais idéias religiosas questionam a relação existente entre o que é público e o que é privado. Bem como define como as pessoas devem se comportar, se vestir etc. Como mencionado antes, o fundamentalismo religioso tem entrado na esfera pública com grande magnitude nos últimos anos, especialmente no Brasil onde há centenas de políticos usando o fundamentalismo religioso como ferramenta de promoção de preconceitos e desigualdades. Porém, nem todo conhecimento religioso é fundamentalista (Santos, 2014).

É extremamente difícil que conflitos violentos entre países possam se esvaír do mundo. A história mundial é marcada por duas grandes guerras, no século XX, e diversas revoltas entre e intra países. Já se passaram mais de 60 anos desde a última grande guerra mundial, porém esse fato não encobre uma gama de focos de tensão no mundo que, por vezes, não são considerados graves em comparação as, por exemplo, duas guerras mundiais, que causaram grande impacto e mudanças com conseqüências nos dias atuais (Todorov, 2010).

Com o passar dos anos, há um grande movimento de globalização (Todorov, 2010). Esse fenômeno facilita e fortalece a comunicação entre os países do mundo, intensificando mudanças consideráveis nas relações internacionais. Os resultados desse movimento tecnológico significativo se expressa nas relações entre países. Essa relação é expressa por imagens, produtos industrializados e padronizados, que se ancoram na similaridade entre si. Porém, tal globalização pode ter efeitos fortemente destrutivos sobre o mundo (Todorov, 2010).

Esses efeitos se dão através de uma fácil mobilidade de armas de fogo entre continentes, países e cidades. Esse fato aumenta o poder de hostilidades e desastres massificados na sociedade (Todorov, 2010). O que deve ficar claro é que as modificações tecnológicas não podem esconder lutas desiguais, pelo contrário, podem aflorar o sentimento de rejeição e inveja nos desfavorecidos, enquanto que entre os mais favorecidos pode gerar desconsideração, desprezo ou benevolência e indulgência. O fato é que o sentimento de ira no primeiro grupo e a força tecnológica no segundo podem gerar conflitos ainda maiores em escala mundial (Todorov, 2010).

O fundamentalismo religioso e o preconceito

Para Panasiewicz (2008), o fundamentalismo religioso é, também, uma oposição às novas tecnologias e à modernidade ocidental, divergindo dos postulados pregados pela ciência e pela razão. Uma das características mais marcantes do fundamentalismo religioso é a utilização de dogmas religiosos para guiar o universo público. Ou seja, de acordo com o fundamentalismo religioso, as do Estado deveriam ser dogmáticas e religiosas.

Então, segundo o fundamentalismo religioso, as leis, normas, coerções e gratificações, presentes em uma sociedade, deveriam ter como alicerce os ensinamentos de uma determinada religião. Isso significa que há uma forma rígida e absoluta de se entender os fenômenos, sem chances para a alteridade, democracia e diversidade cultural e religiosa (Panasiewicz, 2008).

Esta lógica fundamentalista abre espaço para a intolerância, aversão e ódio a todos (as) aqueles (as) que divergem dos postulados fundamentalistas. O fundamentalismo não só expõem, mas impõem sua forma de enxergar, estruturar e ordenar os fenômenos humanos, sociais e naturais. Na base desses acontecimentos estão os estereótipos, o preconceito e a discriminação (Panasiewicz, 2008).

Segundo Myers (2014) uma pessoa pode agir de forma preconceituosa com um membro de seu próprio grupo, não necessariamente com um sujeito de um grupo oposto. O preconceito está presente em todas as esferas da sociedade, desde os grupos que detém grande poder até os grupos com pouco poder. Porém, o preconceito parece ter como principal alvo os grupos minoritários. Tais como jovens homossexuais, idosos, imigrantes e pessoas obesas (Myers, 2014).

Existem fenômenos que constituem o preconceito. O primeiro é o estereótipo. Uma característica importante dos estereótipos são as generalizações imprecisas com relação a uma pessoa ou grupo. Tais generalizações partem de crenças sobre um determinado grupo. Tais crenças estão relacionadas com a forma que uma pessoa fala, se veste e se comporta, por exemplo. Porém, o estereótipo cumpre uma importante função, que é a cognitiva. (Myers, 2014).

O segundo fenômeno que se relaciona com o preconceito é a discriminação. O preconceito é uma atitude que nem sempre é expressa, pode ficar apenas no campo

mental. Já a discriminação é um comportamento. Na maioria das vezes é um comportamento negativo, hostil e opressor. Causando sofrimento naqueles (as) que são vítimas das práticas discriminatórias (Madureira & Branco, 2014).

Madureira e Branco (2012) entendem o preconceito como um fenômeno de fronteira. Tais fronteiras são construídas historicamente e são solidificadas por meio dos fenômenos afetivos presentes na vida dos seres humanos. Com isso, se constituem fronteiras simbólicas rígidas entre as pessoas, dificultando o diálogo entre diferentes culturas, práticas sociais, religiões, grupos sociais etc. Ou seja, entender o preconceito como um fenômeno de fronteira é essencial para se entender como tal fenômeno se instala na sociedade e nas relações entre seres humanos. Trazendo prejuízos para o diálogo e construção de pontes entre diferentes grupos.

Esses prejuízos podem ocorrer em diferentes lugares e esferas da sociedade. Por exemplo, o fundamentalismo religioso pode impor formas de se comportar e, essas formas, são sempre resistentes à alteridade e, também são caracterizadas pela opressão. Por exemplo, o fundamentalismo pode ditar regras desde como alunos devem se comportar na escola até como um casal deve conduzir seu relacionamento amoroso. Esses exemplos mostram que há uma confusão entre o que se entende como público e privado, explicados anteriormente (Mello, 2006).

Outro ponto a ser levado em consideração é que o fundamentalismo religioso propaga exclusão no interior de várias religiões, principalmente às mulheres. Historicamente, as mulheres sofreram e, ainda, sofrem discriminação na prática religiosa. De fato, a grande maioria das religiões são áreas de ímpeto masculino. Ou seja, o domínio é dos homens e, as regras e doutrinas são, por eles, praticadas. É difícil encontrar, por exemplo, uma igreja sendo dirigida por uma mulher e, seria mais difícil ainda, conhecer uma mesquita islâmica sendo liderada por uma mulher. Esses são apenas um dos inúmeros exemplos das consequências do fundamentalismo religioso (Rosado- Nunes, 2005).

A religião e os processos identitários

É importante ressaltar que a profissão de determinada religião é de muita importância para se entender os processos subjetivos, emocionais e relacionais de várias pessoas. Vários indivíduos procuram a religião e cultos religiosos para servirem de

propósitos de vida, carregados de significados e experiências ditas como sobrenaturais e transcendentais. Por isso é de suma relevância que a Psicologia se atenha aos fenômenos religiosos para, assim, melhor compreender os processos subjetivos do ser humano. Tal questão deve ser compreendida no Brasil de forma aprofundada, pois, mais de 93% da população, nesse país, professa alguma religião. Isso mostra que há uma relação, estreita, entre as religiões e a constituição da identidade do povo brasileiro (Borges, Santos & Pinheiro 2015).

É importante destacar, neste momento, a cultura como fator central no desenvolvimento do ser humano. A cultura é o centro da vida psicológica, sem ela não existiriam significados, hábitos, valores e crenças. As pessoas não teriam roupas ou sapatos e não se alimentariam da forma que se alimentam na atualidade. Esses exemplos nos mostram o incrível papel da cultura na Psicologia e no desenvolvimento de qualquer ciência, bem como nos processos identitários (Valsiner, 2012).

Cultura pode ser definida como um conjunto de crenças, valores, atitudes e códigos compartilhados em um período histórico. A cultura se forma por meio de construções simbólicas, sempre compartilhadas. Para Geertz, analisar as características de uma cultura é sempre uma tarefa árdua e incompleta (Geertz & Leonini, 1998).

Culturas diferentes fazem com que haja interpretações e ações diferentes entre as pessoas. Com isso, fica clara a idéia de que a heterogeneidade cultural pode gerar conflitos entre diferentes grupos. Isso ocorre, justamente, pela dificuldade desses grupos em lidar com as diferenças entre os mesmos (Geertz & Leonini, 1998).

Um dos aspectos mais importantes acerca do ser humano são os processos identitários. A identidade de uma pessoa não é determinada pela sua genética ou o lugar onde nasceu. Abordagens unidirecionais e unidimensionais não são suficientes para explicar, de modo mais aprofundado, a identidade. Com isso, se entende a identidade como sendo multidirecional e multidimensional (Woodward, 2000).

Para Woodward (2000), pode se destacar que a identidade é relacional. Ou seja, uma determinada identidade, para existir, necessita de algo para se diferenciar. Assim, a identidade é revelada em meio à diferença. A marcação simbólica da diferença é fundamental. Por exemplo, para um determinado grupo social tomar consciência de sua

identidade, precisa se diferenciar de outro grupo social. Porém, essa diferenciação entre as identidades pode ser marcada pela exclusão.

Ou seja, a marcação da diferença é problemática. Isso ocorre, pois um determinado grupo tende a negar possíveis similaridades existentes em outro grupo. Então, há a idéia de que o outro grupo é “estranho” e/ou “inferior”. Com isso tende a ocorrer a exclusão e menosprezo (Woodward, 2000).

Segundo Woodward (2000), a diferenciação entre as identidades é marcada por símbolos. Tais símbolos podem ser objetos extremamente simples, como um chaveiro ou tipo de cigarro, como também podem ser roupas, calçados, jóias e bijuterias. Os símbolos, que constituem as identidades, também podem ser caracterizados por fenômenos mais complexos como gênero, nacionalidade, religião etc.

Então, todos esses símbolos fazem parte das identidades e marcam as diferenciações entre elas, sendo importante ressaltar que tais diferenciações tendem a produzir exclusões. Com isso, é visível que a identidade contempla questões simbólicas, sociais, psíquicas, religiosas etc. Assim se entende a tamanha complexidade da construção das identidades (Woodward, 2000).

Há, com essas reflexões, a idéia de que o preconceito, seja com uma religião, orientação sexual e nacionalidade, sempre será um fenômeno complexo, estando alinhado com as diferenças entre pessoas, grupos, país etc. Como a diferença é presente no ser humano, então, o preconceito, a discriminação, fundamentalismo religioso e a exclusão podem se nutrir e tornarem-se cada vez mais poderosos, pois sempre haverá formas para que atos e atrocidades continuem ocorrendo em escala mundial e local. (Madureira & Branco, 2012).

Método

Na presente pesquisa, foi usado o método qualitativo. Tal método tem como base a epistemologia qualitativa, que parte de uma proposta de aproximação qualitativa da Psicologia em relação às demais ciências antropossociais (Gonzalez Rey, 2005). E visa estudar a subjetividade do ser humano e sua complexidade de forma científica. Partindo da crítica de que, historicamente, houve um domínio das ciências naturais que passou a pregar um modelo reducionista como uma via hegemônica para construção de conhecimento. Tal domínio se tornou um paradigma e operou com acumulação de

dados quantificáveis, observações sistemáticas e a, suposta, neutralidade do pesquisador (Gonzalez Rey, 2005).

É necessário mudar o paradigma para que toda a complexidade e dinâmica dos fenômenos humanos sejam contempladas de modo mais adequado. Bem como abarcar, com mais profundidade, as dimensões Histórico- Culturais, pois, as mesmas têm muita importância no estudo de grande parte dos fenômenos envolvendo seres humanos (Madureira & Branco, 2001).

Segundo Minayo (2007), a pesquisa qualitativa se atém, principalmente, ao estudo daqueles fenômenos que não podem ser quantificados. Neste contexto, o universo de significados se torna central. Também, são muito importantes as crenças, motivações e valores, que estão diretamente ligados com as relações sociais. Tais significados não podem ser reduzidos apenas a dados quantificáveis. Com isso, a pesquisa qualitativa entra em cena.

Participantes

Participaram da pesquisa duas mulheres e um homem, todas (os) estudantes de Psicologia. A participante 1 tem 22 anos, cursa o sexto semestre de Psicologia e é católica. A participante 2 tem 20 anos, cursa o sexto semestre de Psicologia e é católica. O participante 3 tem 23 anos, cursa o quinto semestre de Psicologia e é ateu.

Materiais e Instrumentos

Na realização da pesquisa foram utilizados os seguintes materiais: gravador de celular e folhas de papel A4, com as imagens impressas e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido impresso. Os instrumentos utilizados foram o roteiro de entrevista semi-estruturada, imagens previamente selecionadas (enquanto recurso metodológico).

Procedimentos de construção de informações

O roteiro de entrevista semi-estruturada compreendeu diversos temas abordados na introdução. Foram utilizadas diversas imagens enquanto recurso metodológico, tais imagens foram retiradas da internet e compreendia grande diversidade religiosa, de raça, etnia, idade, gênero etc. As entrevistas ocorreram em salas de aula do UNICEUB. Todos os participantes concordaram em participar da entrevista e consentiram que as

mesmas fossem gravadas. As informações apresentadas pelos participantes foram todas mantidas sob sigilo.

Procedimentos de análise

Após a transcrição de todas as entrevistas, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, através da construção de categorias analíticas. Tais categorias têm o foco na expressão das opiniões, idéias e valores expressos pelas (os) participantes, considerando os objetivos da pesquisa, foram analisados todos os trechos, com foco nos mais significativos. Com isso, foram construídas três categorias temáticas. São elas:

- 1- Religião, processos identitários e mentalidade fundamentalista no Brasil a partir do olhar das (os) participantes.
- 2- Religião e Psicologia: um diálogo relevante.
- 3- Fundamentalismo religioso, gênero e diversidade sexual na sociedade brasileira.

Resultados e discussão

A partir das entrevistas semi-estruturadas realizadas, os participantes puderam refletir acerca das questões relacionadas ao fundamentalismo religioso no Brasil, processos identitários e diversidade sexual. Os participantes também discorreram sobre a relevância de se pensar a relação entre Psicologia e Religião.

Religião, processos identitários e mentalidade fundamentalista no Brasil a partir do olhar das (os) participantes.

Os participantes 1 e 3 concordaram que o fenômeno do fundamentalismo religioso é presente no Brasil. Ambos os participantes acreditam que tal fenômeno possa interferir negativamente nos processos identitários de cada ser humano, desde a religião que professam até ao grupo que pertencem (Panasiewicz, 2008). Isso fica claro no trecho a seguir, referente à entrevista da participante 1: “(...) *com relação à religião é aquela história de que religião e futebol não se discutem. Então há preconceito com relação às diferentes religiões. Então, no Brasil, é perigoso se ter uma crença e expressá-la livremente.*”

Diferentemente do que muitos pensam na atualidade, é possível encontrar diversos tipos de retaliações impostas pelo fundamentalismo. Tais retaliações são claramente visíveis no campo da diversidade sexual, nas escolas e no contexto de diversas famílias (Panasiewicz, 2008). Com esses fatos, as relações entre pessoas e grupos se tornam cada vez mais carentes de igualdade e empatia.

O participante 3 procurou focar no fato do Brasil ser um país laico, onde estado e religião são separados. Ou seja, onde a religião não pode interferir no reconhecimento dos direitos de todos os cidadãos (Curi, 2006). Porém, para o participante 3, mesmo assim, abriga pessoas com mentalidade fundamentalista. Como é expresso no trecho a seguir:

“(...) a gente está em um país que é laico, mas de laico a gente não tem nada. A gente fala que é laico, mas está ali o cara que é evangélico xingando os santos e está ali o católico dizendo que santo não existe. Mas tudo isso é uma grande hipocrisia onde todos estão olhando apenas para os próprios interesses.”

Mesmo ambos os participantes reconhecendo o fenômeno do fundamentalismo religioso, nenhum deles focou em apenas uma religião como propagadora de tal fenômeno no país. Isso deve ser levado em consideração, pois mostra uma visão mais ampla, por parte dos participantes 1 e 3, do que seja o fundamentalismo religioso. Panasiewicz (2008) considera a idéia de que o fundamentalismo religioso é, realmente, um fenômeno presente em diversas religiões.

Tais “interesses” mencionados pelo participante 3 vão muito além do que simples divergências teológicas. Esses interesses estão ligados a toda uma ordem social, ou seja, como a sociedade deve funcionar em vários aspectos. Isso é um ponto de tensão e perigo constante para humanidade, pois não é de se estranhar que fundamentalistas religiosos fuzilem devotos de outras religiões (seja em uma igreja, mesquita ou até mesmo em praça pública), matem representantes do povo ou derrubem governos. Tais fatos já ocorreram e são propícios a acontecer novamente. Ou seja, a situação é muito mais tensa e preocupante do que muitos imaginam (Armstrong, 2009).

A participante 2 também reconheceu a existência de intolerância religiosa no Brasil. Porém mostrou uma visão diferente sobre o fenômeno do fundamentalismo religioso, como é demonstrado no trecho a seguir: *“(...) na minha visão, enquanto*

cristã, eu não acredito que o fundamentalismo religioso, hoje, crie problemas com preconceitos, entendeu?”

Historicamente e ainda na atualidade, é explícita a forma com que o fundamentalismo religioso expressa ódio e violência contra aquilo que é considerado “estranho” ou “diferente”. Ou seja, o preconceito e a discriminação são fenômenos presentes em diversos grupos. Porém, nos grupos que se pautam nos extremos de determinada religião, as ameaças podem ser cada vez mais reais. Muitas vezes, chegando a atos de pura crueldade e desumanidade (Armstrong, 2009). Como destaca Todorov (2010), vários países podem entrar em conflitos quando se envolve questões como o fundamentalismo religioso. Ou seja, o fundamentalismo religioso pode chegar ao extremo de propiciar uma grande guerra, causando grande destruição e sofrimento em escala mundial.

Em outro momento, a participante 2 expressa que o fundamentalismo religioso não está relacionado com a discriminação. Como mostra o trecho a seguir “(...) *Na minha visão, eu não vejo o fundamentalismo religioso promovendo discriminação. A ponto de mim, psicóloga católica, deixar interferir em meu atendimento.*”

A participante 2 não entende o fundamentalismo religioso como um fenômeno propagador de preconceitos e discriminações na sociedade. Tal visão se diferencia das idéias de diversos autores como Todorov (2010), Panasiewicz (2008) e Arp (2014). Tais autores reforçam que, historicamente e atualmente, o fundamentalismo religioso propagou e propaga preconceitos e discriminações nas sociedades ao redor do mundo.

A diferença é algo natural entre os humanos e demais espécies. Porém, é interessante pensar nos discursos que são criados para explicar a diferença. De um ponto de vista filosófico, Aristóteles foi o primeiro a diferenciar as pessoas em hierarquias. Onde havia a divisão entre os mais ou menos perfeitos. Desde então, foram criadas diferentes formas de hierarquias para diferenciar as pessoas. Tais hierarquias se dão como, por exemplo, Marido-mulher, senhor - escravo etc. Porém, a grande questão é que essas hierarquias promovem desigualdades (Santos, 2005).

Mesmo sabendo do impacto e das raízes históricas do fundamentalismo religioso, é realmente complexo pensar sobre o porquê das pessoas serem preconceituosas. É uma tarefa árdua refletir sobre o fato de determinado grupo acreditar

que tem o poder de condenar e segregar o próximo. E, muitas vezes, tais condenações são feitas pelo simples fato do próximo ser diferente (Demo, 2005).

As duas participantes e o participante acreditam que existe perseguição religiosa no Brasil. Porém, não há um consenso entre os participantes quando se trata da magnitude da destruição causada pelo fenômeno do fundamentalismo religioso (Panasiewicz, 2008). Isso mostra que os estudos sobre diferentes religiões e a história de conflitos envolvendo religiões (Todorov, 2010) devem ser melhor enfocados na formação escolar e acadêmica. Isso não deve se restringir apenas à formação em Psicologia. Pois o fundamentalismo religioso, para ser combatido, deve ser problematizado pela sociedade em termos gerais.

Religião e Psicologia: Um diálogo relevante.

De acordo com Cavalcanti (2008), a Psicologia tem demonstrado mais atenção aos fenômenos religiosos na atualidade. No Brasil, tal atenção se faz necessária, pois os processos subjetivos, identitários e emocionais de muitas pessoas na sociedade brasileira está frequentemente ligadas às experiências religiosas. Afianl, a grande maioria dos brasileiros professa alguma religião (Borges, Santos & Pinheiro 2015).

Todos os participantes relevaram que o estudo sobre religião, no curso de Psicologia, se faz necessário. Ficou claro, nas idéias dos participantes, a consciência de que a religião é um fenômeno que deve ser respeitado e melhor compreendido tanto no curso quanto em todos os campos de atuação possíveis dos psicólogos. Isso fica evidente no trecho a seguir, referente à entrevista do participante 3:

“(...) A gente está num país onde a maioria das pessoas acredita em Cristo. Então se a gente não estudar religião não tem como atender ninguém no consultório. As vezes a religião é a vida da pessoa, eu acho muito importante estudar a Psicologia da religião (...)”.

O participante 3 mencionou o fato de que a maioria dos brasileiros é Cristã para ilustrar a magnitude do pensamento religioso no Brasil. Tal visão é importante, porém é relevante ressaltar que a Psicologia deve se voltar não apenas para religiões de grande predominância no País. As religiões que são professadas por minorias também devem ser levadas em consideração. Ou seja, o diálogo entre as religiões é importante na Psicologia, pois assim há a tendência de que preconceitos e discriminações sejam diminuídos (Santos, 2014).

A participante 2 expressou sua preocupação em relação ao estudo sobre religião no curso de Psicologia, no sentido de que deve haver conhecimento sobre outras religiões para um melhor atendimento na clínica. Como mostra o trecho a seguir:

“(...) Eu acho que é importante a discussão da religião dentro do curso porque a gente vai lidar com muitas pessoas que tem religião. Então acredito quer seria importante, dentro do curso, que tenha uma matéria relacionada ao tema, para que a gente possa ter uma noção de como deve ser trabalhado na clínica.”

Tal preocupação da participante 2 demonstra que a mesma tem consciência da importância da religião na vida de muitas pessoas (Borges, Santos & Pinheiro 2015). A participante também se mostrou interessada em saber como deve ser o manejo do terapeuta com clientes que professam uma religião diferente daquela adotada pelo mesmo. Tal interesse é relevante, pois mostra uma inquietação que pode levar à procura por maior conhecimento sobre o tema. O maior conhecimento tende a diminuir as possibilidades de faltas éticas por parte do psicólogo, pois, muitas vezes, tais faltas éticas evidenciam lacunas na formação em Psicologia.

É visível nos comentários dos participantes uma idéia de que há uma hegemonia da clínica na prática em Psicologia. É importante deixar claro que a Psicologia não se restringe apenas à área clínica. Os campos de atuação do Psicólogo são extremamente amplos, com possibilidades de trabalho na área escolar, saúde, do esporte, social, jurídica etc.

A participante 1 reforça a importância referente ao tema, porém expressa uma relevante ressalva, como mostra o trecho a seguir:

“(...) a Psicologia, apesar de ser uma ciência, não é que ela vai acreditar e dar conseqüências para questões religiosas, mas eu acredito que ela deve entender que há seres humanos que acreditam em religiões. Isso é muito importante quando se trata de seres humanos.”

A participante 1 entende que a Psicologia é uma ciência e que investigar fenômenos sobrenaturais não é seu foco. Porém, isso não significa não dar a menor importância ao estudo sobre religiões e ao papel que a mesma comporta para as pessoas e para o mundo (Borges, Santos & Pinheiro 2015). Por vezes, não há a devida atenção para este aspecto das religiões. Ou seja, por ser um fenômeno tão presente e perpetuado na sociedade, acaba-se perdendo de vista o lado benéfico das crenças religiosas, por exemplo, uma pessoa pode encontrar um novo sentido de vida após um evento

traumático, ou pode encontrar uma forma para viver melhor em sociedade. Esses são exemplos de como as crenças religiosas podem ser relevantes. É importante que a participante 1 tenha focado nesse aspecto, visto que os demais participantes não destacaram tal visão.

A religião é um aspecto constituinte do sistema de crenças pessoais, e a Psicologia é uma ciência que estuda o ser humano em toda sua complexidade (Cavalcanti, 2008). Com isso, se faz necessário que os cursos de Psicologia e as demais áreas das Ciências humanas se atentem para tal questão. É importante que haja disciplinas que, ao menos, mencionem o quão importante é a religião para algumas pessoas. Se vínculos empáticos ocorrerem, os atendimentos relacionados à Psicologia seriam melhores e entenderiam, melhor, o ser humano em sua integridade, alteridade, complexidade e singularidade.

Fundamentalismo religioso, gênero e diversidade sexual na sociedade brasileira.

Todos os participantes afirmaram que o fundamentalismo religioso se opõe a diversidade sexual. Deixaram claro que o fato de uma pessoa ter uma orientação sexual homoafetiva pode levar ao sofrimento psíquico quando se leva em consideração os discursos de ódio advindos do fundamentalismo religioso (Santos, 2014).

A participante 1 demonstrou uma atitude compreensiva em relação à diversidade sexual, ressaltando a importância de se levar em consideração as diversas formas de expressão amorosa. Porém, deixou claro que isso pode não ser bem compreendido por diversas religiões, como explicitado no trecho a seguir: “(...) *Para mim, toda forma de amor é válida. Eu percebo que isso pode causar algum transtorno para algumas religiões, mas, para mim, está ok.*”

Historicamente, as sociedades têm uma visão deturpada em relação às identidades de gênero. Há a idéia equivocada de que o gênero é parte da essência humana, ou seja, algo imutável. Paralelamente, os discursos biologizantes tendem a reduzir gênero aos órgãos genitais e outros fatores biológicos. De fato, essas visões orientam muitas pessoas na sociedade e, com isso, há a tendência de que o conhecimento sobre gênero e diversidade sexual fique cada vez mais pautado nesses determinismos e essencialismos (Madureira & Branco, 2007). Diversas religiões também se pautam no essencialismo para explicar as questões sobre gênero (Santos, 2014).

No momento da apresentação das imagens, a participante 2 não concordou com a idéia de casais homoafetivos se casando em igrejas católicas, mas concorda com tal casamento em outras religiões, como mostra o trecho a seguir:

“(...) Então, é porque na teoria e na prática, o casamento gay não pode ser celebrado e não é aceito pela igreja católica. Se a galera quer casar assim... Eu não acredito que isso seja o certo pela minha concepção. Mas eu achei essa imagem do casal heterossexual mais bonito, minha opinião.”

A exclusão aos casais homoafetivos não ocorre apenas no contexto religioso. É importante deixar claro este fato, pois é visível que este preconceito ocorre em diversos segmentos da sociedade. Ocorre nas escolas, no contexto de trabalho, no contexto religioso etc. O fato é que todos esses segmentos precisam aprender a lidar com a diversidade de outras formas de relacionamento afetivo-sexual (Madureira & Branco, 2007). Pois, como foi dito anteriormente, o que se sabe sobre gênero, na sociedade, é fortemente pautado em discursos essencialistas e deterministas, que não dão margem para a infinitude de possibilidades incluídas na cultura e na existência humana.

O casamento homoafetivo tende a não ser bem visto no interior de determinados segmentos religiosos, como visto no trecho anterior. Santos (2014) deixa claro que grupos minoritários, incluindo casais homoafetivos, tendem a não ser compreendidos por religiões que expressam ideais fundamentalistas. Tais idéias expressam grande rigidez e discursos de ódio contra aqueles que desviam de determinadas normas. Tais normas vão desde como a pessoa deve se vestir até como a pessoa deve se relacionar com outros. Se tais normas não forem seguidas, podem ocorrer retaliações diversas para aqueles que resolveram não seguir as normas hegemônicas (Madureira & Branco, 2012).

O participante 3 mostrou uma visão diferente ao olhar a mesma imagem, como mostra o trecho a seguir: *“(...) Essa primeira aqui é interessante porque tem um pastor casando um casal homo afetivo, achei interessante, mostra que ainda existe saída para essas questões.”* Diferentemente da perspectiva da participante 2, o participante 3 acredita que a saída para as questões do fundamentalismo religioso seja a inclusão de formas diferentes de expressão, uma saída pautada na aceitação da alteridade.

Porém, dado o contexto de rigidez que envolve o fundamentalismo religioso, é uma possibilidade difícil. Dado o fato de que uma das saídas para o preconceito e discriminação que constituem esses fenômenos, investir no diálogo seria de suma importância. Pois dessa forma as fronteiras simbólicas rígidas poderiam ser permeabilizadas com idéias que visam a inclusão do que é considerado diferente da maioria e, com isso, o discurso de ódio presente em tantos grupos sociais diminuiria. Também as agressões verbais e físicas não seriam mais tão frequentes (Madureira & Branco, 2012).

O participante 3 reforçou a idéia de que grupos minoritário são as maiores vítimas do fundamentalismo religioso (Borges, Santos & Pinheiro 2015). O trecho a seguir ilustra tal idéia:

“(...) É complicado porque eles misturam muito a religião deles com o bem maior e levar a sua visão para a visão da maioria é muito complicado e isso acaba criando mecanismos de opressão para os grupos menores como homossexuais, negros, pobres e travestis.”

Conclui se que o fundamentalismo religioso propaga ódio e opressão em relação aquelas pessoas, ou grupos, que decidem não seguir as idéias e padrões definidos pela sociedade, mídia etc. Isso é um problema significativo para a sociedade, de forma geral, pois podem aumentar os números de crimes de ódio e violência contra grupos minoritários (Santos, 2014).

Considerações Finais

A pesquisa trouxe importantes constatações sobre como o fenômeno do fundamentalismo religioso pode afetar as relações humanas por meio de eventos como crimes de ódio, preconceitos e discriminações. Ficou claro que o mecanismo de opressão advindo do fundamentalismo religioso tem como principais vítimas os integrantes de grupos minoritários. Isso acontece em função do discurso de ódio propagado pelo fundamentalismo religioso.

Em contrapartida, foi importante compreender que as religiões têm um papel importante na constituição de muitos seres humanos. Ou seja, não se deve olhar para as religiões de modo a reduzir tudo ao fundamentalismo religioso, pois o fundamentalismo é uma potencialidade das religiões e não sua totalidade. É interessante mencionar que as

religiões também podem ser benéficas e ajudar as pessoas em uma série de questões presentes no processo do desenvolvimento humano. Ou seja, ficou visível que as religiões podem atribuir grande sentido na vida de uma pessoa.

Foi relevante aprofundar as questões de fundamentalismo religioso no mundo visto que esse assunto tende a ser cada vez mais importante e alarmante. Porém, os resultados da pesquisa mostraram que os participantes têm muito pouco conhecimento sobre o fundamentalismo religioso em escala mundial. Ou seja, não se mostrou uma clareza de como tais mecanismos de opressão funcionam fora do Brasil. Isso é um ponto preocupante, pois diversos conflitos entre países e grupos podem ser alavancados por conta do fundamentalismo religioso. Com isso, se faz necessário que psicólogos e estudantes de Psicologia tenham uma compreensão mais aprofundada sobre o tema.

É essencial que a Psicologia continue produzindo conhecimento sobre o tema, pois o universo religioso precisa ser melhor conhecido pela ciência psicológica. Como foi dito anteriormente, as religiões são fenômenos mundiais e centrais na história da humanidade. Conseqüentemente, é imprescindível uma maior aproximação da Psicologia. Tal aproximação seria importante, pois abriria uma gama de discussões e problematizações sobre o tema e, conseqüentemente, os psicólogos e estudantes de Psicologia se atentariam mais ao fenômeno.

Não se pode deixar de lado o fato de que, para se voltar mais ao fenômeno, a Psicologia deve se aproximar de outras áreas do conhecimento como a História, Geopolítica, Sociologia, Antropologia, Ciências Políticas etc. Isso é relevante, pois o conhecimento nunca pode ser produzido focalizando apenas uma esfera do ser humano. É necessário que vínculos entre disciplinas sejam estabelecidos a fim de que a luta contra o fundamentalismo religioso seja, finalmente, vencida. Seria interessante se fossem produzidas pesquisas que fizessem toda uma reflexão mais aprofundada sobre uma determinada religião. Se voltando para seus aspectos históricos, arqueológicos e sociais, não deixando de refletir sobre possíveis focos de fanatismo religioso envolvendo tal religião. Isso seria importante, pois se alcançaria um nível mais profundo de conhecimento sobre determinada religião e seu papel na vida de muitas pessoas.

Referências Bibliográficas

- Armstrong, K. (2009). *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. Editora Companhia das Letras.
- Arp, R. (2014). *1001 Ideias que mudaram nossa forma de pensar*. Rio de Janeiro.
- Borges, Santos & Pinheiro, M.M.T. (2015). Representações sociais sobre religião e espiritualidade. *Revista brasileira de enfermagem*, 68 (4).
- Cavalcanti, M. L. V. D. C. (2008). O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/zffb8>> acesso em 13/05/16.
- Curi, C. R. J. (2006). Ensino religioso na escola pública: o retorno de uma polêmica recorrente.
- Demo, P. (2005). *Ética multiculturais: sobre convivência humana possível*. Vozes.
- Geertz, C., & Leonini, L. (1988). *Antropologia interpretativa*. Bologna: Il mulino.
- González Rey, F. L. (2005a). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- González Rey, F. L. (2005b). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Madureira, A. F. A. (2007). *Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em:
http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1610/1/Tese_AnaFlaviaAmaralMadureira.pdf
- Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2012). As raízes histórico-culturais e afetivas do preconceito e a construção de uma cultura democrática na escola. Em A. U. Branco & M. C. S. L. Oliveira (Orgs.), *Diversidade e cultura da paz na escola: contribuições da perspectiva sociocultural* (pp. 125-155). Porto Alegre: Mediação
- Mello, L. (2006). *Familismo (anti) homossexual e regulação da cidadania no Brasil*. *Revista Estudos Feministas*, 14(2).
- Minayo, M. C. S. (2007a). O desafio da pesquisa social. Em M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 9-29). Petrópolis – RJ: Vozes.

- Myers, D. G. (2014). Preconceito: desgostar dos outros. Em D. G. Myers, *Psicologia Social* (pp. 246- 278). 10a ed. Porto Alegre: AMGH.
- Santos, B. S. (2014). *Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos*. São Paulo: Cortez.
- Santos, G. A. (2005). Filosofia e as gentes – um estudo sobre a origem das diferenças. Em D. J. Silva & R. M. C. Libório (Orgs.), *Valores, preconceitos e práticas educativas* (pp. 57-71). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Panasiewicz, R. (2008). Fundamentalismo Religioso: história e presença no cristianismo. *Anais do X Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões–“Migrações e Imigrações das Religiões”*. Assis: ABHR.
- Rosado-Nunes, M. J. (2005). Gênero e religião. *Revista Estudos Feministas*, 13(2), 363-365.
- Savi, R. M. (2015). *Os impactos do discurso de ódio na saúde mental de ativistas dos direitos humanos*. Trabalho de conclusão de Curso, Curso de Psicologia, Centro Universitário de Brasília- UNICEUB, Brasília.
- Todorov, T. (2010). *O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações*. Petrópolis – RJ: Vozes.
- Valsiner, J. (2012). *Fundamentos da Psicologia Cultural: Mundos da Mente, Mundos da Vida*. Tradução de Ana Cecília de Sousa Bastos. Porto Alegre: Artmed, 2012. [Capítulo 8 – Uma metodologia para a psicologia cultural: sistêmica, qualitativa e idiográfica].
- Van der Meer Sanchez, Z., Garcia de Oliveira, L., & Aparecida Nappo, S. (2004). *Fatores protetores de adolescentes contra o uso de drogas com ênfase na religiosidade*. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9(1).
- Weiss, M., & Hassan, H. (2015). *Estado Islâmico: desvendando o exército do terror*. Editora Seoman.
- Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução conceitual. Em T. T. Silva (Org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (pp. 7-72). Petrópolis - RJ: Vozes.

